

Ser ou não ser Engenheiro

To be or not to be Engineer

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

O que é ser Engenheiro? Esta interrogação tem-me seguido toda a vida. Absorvi, com grande avidez, as várias respostas dos professores que me ensinaram a ciência e a arte da Engenharia. Anote-se o significado grego de tecnológica como ciência e arte, pois a componente tecnológica é o verdadeiro ligante das actividades práticas no exercício profissional dos engenheiros. Esta complexa fusão, só por si, deixa perceber como uma ou outra resposta será sempre incompleta, retratando uma ou outra experiência e uma ou outra tendência na evolução histórica da humanidade.

De facto, as análises efectuadas por académicos de pensamento lúcido no meu tempo de estudante universitário revelavam um perfil científico e especializado a par de um complemento económico. Era a época em que os poucos licenciados em engenharia ("poucos" relativamente às apetências do mercado de trabalho) começavam por exercer um período profissional no âmbito da produção, onde aprendiam a dominar os respectivos problemas concretos, para depois subirem às tarefas administrativas, com base macroeconómica e contabilística, da gestão financeira e dos recursos humanos. Foram as décadas do Engenheiro prestigiado no ordenamento social.

Esse tempo passou. Pouco a pouco, a degradação societal dos engenheiros foi-se acentuando, com a sofisticação das técnicas pelas novas tecnologias, empurrando aqueles profissionais para dois quadros tecnológicos gerais: os mais experientes para o obsoleto, juntamente com as estruturas empresariais, e os mais jovens para a insegurança, dentro do paradigma da flexibilidade e imaturidade tecnológica.

Os economistas e gestores tomaram conta dos comandos das empresas, im-

pondo cada vez mais o primado da economia e a desvalorização das funções de engenharia: mais importante que produzir é vender. As tarefas de marketing e as acções de mercado tornaram-se fundamentais, limitando as actividades de engenharia à rectaguarda, afastadas das frentes onde o dinheiro se troca. E neste processo os engenheiros ficaram longe dos negócios empresariais, que são o verdadeiro motor das empresas nas sociedades humanas. Quer dizer, os engenheiros anicharam-se nas técnicas das suas especialidades e perderam o contacto com os factores dinamizadores da sua própria vida profissional. Ficaram mais passivos na dinâmica societal.

Daí resultou um impulso interno muito forte naqueles que aspiravam ascender aos níveis administrativos, dotando-se com as respectivas ferramentas de gestão em cursos de pós-graduação. De engenheiro preservam o título, que já nem a lei de Ohm se recordam, mas auferem enorme sucesso na engenharia política. Outros vão mais longe e passam a doutores de gestão, renegando a licenciatura em engenharia e esquecendo até o suado MBA (Master on Business and Administration), pois assim inserem-se nas singularidades de antigamente, quanto ao prestígio no ordenamento social. Longe, bastante longe, lá nas linhas de projecto e produção, atarefam-se os engenheiros resignados à sua permanente condição técnica.

É neste contexto que agora se põe a questão: o que é ser engenheiro? A interrogação tem interesse sobretudo para orientar convenientemente a formação profissional nas universidades. Será que se deve fazer um ensino muito especializado? Ou será que se deve aumentar as disciplinas de economia e gestão? Ou ainda outras áreas de humanidades, como línguas estrangei-

ras e sociologia? Não se devem prever disciplinas de história europeia, para facilitar a mobilidade dos engenheiros? Não fará sentido incluir nos programas curriculares uma ou outra disciplina de formação sobre a coopeção com os PALOP's (atenção ao clima tropical para a funcionalidade dos equipamentos)? São muitas e diferenciadas as dúvidas que se levantam quando reflectimos sobre o significado do conceito de ser engenheiro hoje em dia.

O tema merece maior desenvolvimento, que os limites de uma página não deixam tecer. Aqui apenas nos preocupa apresentar a ideia, equacionar o problema profissional. Deve ser matéria de discussão, sobretudo no âmbito da Ordem dos Engenheiros, que as páginas desta revista acolhem com satisfação. Os leitores podem enviar à redacção as suas opiniões, para constituirmos um forum durante 1995: "O que é ser engenheiro?"

Há uma razão muito significativa para este debate: enobrecer a importância da profissão no tecido social. Nem que seja à custa da redução do número anual de licenciados em engenharia. De facto, não interessa ao País estar a criar frustrações na sua juventude: quando os jovens aspiram a um curso de engenharia devem ser informados sobre aquilo que os espera uma vez concluído o curso e penetarem no mercado de trabalho. Será preciso estudar tanta ciência para ir vender produtos eléctricos? Será que para isso não é mais proveitoso ensinar técnicas de vendas ou gestão de stocks em lugar de propagação e ondas? Ou seja: deve-se mesmo ser engenheiro para exercer grande parte das actividades oferecidas hoje aos engenheiros?

Afinal a questão é ser ou não ser Engenheiro. ■

Renove a Assinatura: 1995 vai estar para além da retoma